



UM APANHADO TEÓRICO-CONCEITUAL SOBRE A PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS, TÉCNICAS E CARACTERÍSTICAS

A THEORETICAL AND CONCEPTUAL OVERVIEW ON QUALITATIVE RESEARCH: TYPES, TECHNIQUES AND FEATURES

Cristiano Lessa de Oliveira¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo fazer um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa. Por ser uma linha de investigação na qual a lingüística aplicada se insere, descrevemos tal metodologia a fim de traçar suas principais técnicas e características, bem como apresentar dois tipos de pesquisa nessa área, discutindo não somente sua importância, mas também suas contribuições nos estudos que envolvem o ambiente educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa qualitativa, tipos, técnicas, características, ambiente escolar.

ABSTRACT: This paper aims to make a theoretical and conceptual overview on qualitative research. As a line of research in which applied linguistics falls, we describe this methodology in order to trace and its main technical characteristics and to provide two types of research in this area, discussing not only its importance but also their contributions in studies that involving the educational environment.

KEY WORDS: Research qualitative, types, techniques, features, school environment.

Introdução

Fizemos neste artigo uma incursão nos estudos sobre pesquisa qualitativa, apontando suas principais técnicas e características, bem como sua utilização em estudos que tratam do processo de ensino-aprendizagem. As noções teórico-metodológicas que estão presentes nesse tipo de pesquisa estão embasadas numa linha investigativa denominada de interacionista, que se diferencia da postura positivista no tratamento dos dados. Essa última é também chamada de pesquisa quantitativa. Abordamos também dois tipos de pesquisa voltados aos estudos qualitativos, quais sejam: pesquisa do tipo etnográfico e estudo de caso.

Nossas considerações apoiaram-se nas reflexões de Moreira (2002), Lüdke e André (1986) e Triviños (1987). Iniciamos nossa discussão com um pequeno levantamento de dois posicionamentos epistemológicos, representados pelo Positivismo e pelo Interpretacionismo. Seguindo, apresentamos duas formas de se fazer pesquisa qualitativa, as técnicas e as principais características dessa metodologia. Finalizando o artigo, apontamos as contribuições dessa vertente metodológica, quando aplicada aos estudos que envolvem o ambiente escolar.

¹ Doutorando pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas. Professor Substituto de Língua Espanhola, dessa Universidade. E-mail: lessacristiano@hotmail.com



1. Dois posicionamentos epistemológicos

Dentro do campo das ciências humanas e sociais, há o embate entre duas visões metodológicas, no tocante à realização de pesquisa científica. Uma delas é a que trabalha com os métodos quantitativos, adotando uma orientação que aceita o comportamento humano como sendo resultado de forças, fatores, estruturas internas e externas que atuam sobre as pessoas, gerando determinados resultados. Essa visão é chamada de *Positivismo*. De acordo com os positivistas, essas forças ou fatores podem ser estudados não somente pelo método experimental, mas também por levantamentos amostrais.

Para a abordagem positivista, o estudo do homem pode ser realizado por meio dos métodos das ciências naturais, seguindo sua lógica. Moreira (2002) enuncia que o positivismo contemporâneo tem suas bases em Auguste Comte e John Stuart Mill. Ambos os autores advogam ser possível que as ciências humanas e sociais realizem suas pesquisas através das ciências físicas. Ao descrever as idéias de Comte, que via a ciência como sendo uma maneira de se emancipar da Teologia e das especulações metafísicas, Moreira (2002, p. 45) afirma que aquele autor

argumentava que o método científico, que ele supunha diretamente adaptável das ciências naturais, poderia prover os meios fundamentais tanto para desenvolver o conhecimento acerca da condição humana, como para desenvolver formas mais efetivas de lidar com essa condição.

Os pesquisadores que aplicam esse tipo de metodologia usam dados vindos de levantamentos amostrais ou outras práticas de contagem, focando o comportamento humano em termos de variáveis dependentes e independentes. Para esses estudiosos, a operacionalização e quantificação dessas variáveis são extremamente profícuas, provendo a oportunidade para procedimentos estatísticos. As idéias de Comte deixaram sua marca na metodologia de pesquisa, durante todo o século XX, segundo Moreira.

O outro posicionamento metodológico para se fazer pesquisa é o que defende o estudo do homem, levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive continuamente. Esse ponto de vista encaminha os estudos que têm como



objeto os seres humanos aos métodos qualitativos, sendo chamado de *Interpretacionismo*. Os estudiosos que se dedicam a esse tipo de pesquisa são chamados de interpretacionistas e afirmam que o homem é diferente dos objetos, por isso o seu estudo necessita de uma metodologia que considere essas diferenças. Nesse posicionamento teórico, a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas. Os procedimentos metodológicos, então, são do tipo etnográfico como, por exemplo: observação participante, entrevista, história de vida, dentre outros. Tais técnicas serão descritas mais adiante.

Há um conflito entre os positivistas e os interpretacionistas com relação à cientificidade ou não dos métodos de pesquisa que cada um defende. Para os primeiros, a pesquisa qualitativa é considerada subjetiva e não científica, uma vez que não opera com dados matemáticos que permitem descobrir relações de causa e efeito no tratamento estatístico. Já para os segundos, os interpretacionistas, o estudo da experiência humana deve ser feito, entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos. Os que defendem essa postura criticam o posicionamento positivista, já que para eles até que ponto uma abordagem que não se preocupa com a essência do seu objeto pode ser encarada como sendo científica.

Muito provavelmente, o embate entre essas duas posições epistemológicas se estenderá por anos. A tradição quantitativa ainda permeia os estudos nas ciências humanas e sociais, considerando a pesquisa qualitativa impressionista, não objetiva e não tendo um caráter científico. Todavia, “e com grande dificuldade, a pesquisa qualitativa vai abrindo seus próprios caminhos” (MOREIRA, 2002, p. 43).

2. Tipos de pesquisa qualitativa

Seguindo os subsídios teóricos de Lüdke e André (1986, p. 13), que fazem uma discussão sobre a pesquisa em educação, dentro de uma vertente qualitativa, apresentamos dois tipos de se fazer pesquisa nessa área. Segundo as autoras, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso “vêm ganhando crescente aceitação na área de educação, devido principalmente ao seu potencial para estudar as questões relacionadas à escola”. Aparecem a seguir os dois tipos de pesquisa qualitativa.



2.1. Pesquisa etnográfica

O interesse por esse tipo de metodologia, na área educacional, começou no início da década de 70. Até então, a etnografia era uma técnica de pesquisa quase que exclusivamente usada por antropólogos e sociólogos. Com esse interesse dos estudiosos educacionais em utilizar as técnicas etnográficas, surgiu uma nova linha de investigação, denominada de antropológica ou etnográfica (LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

O uso da terminologia pesquisa etnográfica deve ser feito de maneira apropriada. De acordo com as referidas autoras, isso ocorre pelo fato de o termo etnografia ter se distanciado do seu sentido próprio – “é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 13-4) – no processo de adaptação para a área de educação, sofrendo modificações. Um estudo voltado para questões educacionais que se utilize da etnografia deve ter o cuidado em refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem, situando-o dentro de um contexto sócio-cultural mais amplo. Deve haver a preocupação em não reduzir a pesquisa somente ao ambiente escolar, mas também promover uma relação entre o que se aprende na escola e o que se passa fora dela.

Nessa perspectiva, Wolcott (apud LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 14) faz uma discussão acerca dos vários critérios para o uso da etnografia na área de educação. Apresentamos a seguir esses critérios, apontando algumas observações:

- 1 – O problema é redescoberto no campo.
- 2 – O pesquisador deve realizar a maior parte do trabalho de campo pessoalmente.
- 3 – O trabalho de campo deve durar pelo menos um ano escolar.
- 4 – O pesquisador deve ter tido uma experiência com outros povos de outras culturas.
- 5 – A abordagem etnográfica combina vários métodos de coleta.
- 6 – O relatório etnográfico apresenta uma grande quantidade de dados primários.

Esses seis critérios levantados por Wolcott e comentados por Firestone e Dawson (apud LÜDKE E ANDRÉ, 1986) nos mostram que, numa condição de investigação educacional, o pesquisador não deve aprioristicamente levantar hipóteses, partindo para o



entendimento do problema na própria situação estudada. O contato com o campo deve ser direto, tendo uma longa duração para que se possa melhor entender a vida do grupo pesquisado. Durante esse tempo, o estudioso pode utilizar algumas técnicas para obter um quadro mais completo do ambiente analisado. A abordagem etnográfica permite a combinação de técnicas como, por exemplo: a observação, a entrevista, a história de vida, a análise de documentos, vídeos, fotos, testes psicológicos, dentre outros. A próxima seção será destinada à descrição de algumas dessas técnicas.

2.2. Estudo de caso

O outro tipo de pesquisa qualitativa é o estudo de caso que, segundo Lüdke e André (1986, p. 17), vai estudar um único caso. O estudo de caso deve ser aplicado quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular. As autoras ainda nos elucidam que “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo”.

Tal estudo de caso apresenta características fundamentais que são destacadas pelas mencionadas autoras. Essas características são as seguintes:

- 1 – Os estudos de caso visam à descoberta.
- 2 – Os estudos de caso enfatizam a ‘interpretação em contexto’.
- 3 – Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda.
- 4 – Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação.
- 5 – Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas.
- 6 – Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social.
- 7 – Os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 18-20).

Percebemos que todas essas características apontam para um estudo que se preocupa com a constante reformulação dos seus pressupostos, uma vez que o conhecimento nunca está pronto. Vemos também que a compreensão de determinado objeto será auxiliada, levando-se



em conta o contexto em que acontece. Os fatores externos também podem ajudar na apreensão e interpretação da problemática estudada.

A preocupação desse tipo de pesquisa é retratar a complexidade de uma situação particular, focalizando o problema em seu aspecto total. O pesquisador usa uma variedade de fontes para coleta de dados que são colhidos em vários momentos da pesquisa e em situações diversas, com diferentes tipos de sujeito. Dessa forma, numa situação de pesquisa escolar, o investigador terá que observar momentos de aula, de reuniões, de merendas, de entrada e saída dos alunos, bem como coletar dados do começo ao fim do semestre/ano letivo. Deverá também escutar os professores, os pais, os alunos, os funcionários em geral para, em seguida, começar a fazer seus questionamentos, cruzando as informações oriundas dessas fontes. O resultado de todo esse processo investigativo é apresentado em formato de relatório final, podendo materializar-se também em forma de dramatizações, colagens, slides, desenhos, fotografias, dentre outras. Sua linguagem escrita aparece de maneira informal, num estilo de narração, transmitindo claramente o caso estudado.

2.2.1. O estudo de caso em seu desenvolvimento

Um estudo de caso vai apresentar três fases em seu desenvolvimento. Ele caracteriza-se da seguinte forma: inicialmente, há a fase exploratória; num segundo momento, há a delimitação do estudo e a coleta de dados; e, num terceiro estágio, há a análise sistemática desses dados, culminando na realização do relatório (NISBET E WATT, apud LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

A fase inicial constitui a preparação do terreno de pesquisa. É o momento de definir mais precisamente o objeto, de especificação dos pontos críticos e das questões que serão levantadas, do contato com o campo e com os sujeitos envolvidos, de selecionar as fontes que servirão para coleta de dados. Esse começo, apesar de ter toda essa preocupação com o estudo, não tem a intenção de predeterminar nenhum posicionamento, pelo contrário, o interesse vai ser de explicitar, reformular ou até mesmo abandonar alguma questão inicial.

Depois dessa fase exploratória, o pesquisador deve identificar os contornos do problema a ser estudado, podendo, então, coletar os dados sistematicamente, usando os



instrumentos de sua escolha que, para ele, são os mais adequados para caracterizar a problemática.

O terceiro momento que representa o desenvolvimento do estudo de caso é a fase de análise dos dados e da elaboração do relatório. Desde o começo do estudo, há uma preocupação em selecionar as informações para que elas possam ser disponibilizadas aos que se interessem. Essas observações preliminares podem ser demonstradas por escrito ou até mesmo por uma apresentação visual ou auditiva. O pesquisador poderá usar também slides, fotografias com a intenção de apresentar algum aspecto relevante da pesquisa.

É importante acrescentar que essas três fases não constituem uma seqüência linear, havendo uma superposição entre elas. Não há como precisar um instante de separação, uma vez que elas “se interpolam em vários momentos, sugerindo apenas um movimento constante no confronto teoria-empíria” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 23).

Um ponto relevante levantado pelas já mencionadas autoras é o fato de surgirem problemas com relação à escolha do caso e à generalização dos resultados. Elas apontam para a possibilidade de as generalizações terem uma menor relevância, isso porque os casos são tratados particularmente. Dessa forma, “a questão de escolher, por exemplo, uma escola comum da rede pública ou uma escola que esteja desenvolvendo um trabalho especial dependerá do tema de interesse, o que vai determinar se é num tipo de escola ou em outro que a sua manifestação se dará de forma mais completa, mais rica e mais natural (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 23). As generalizações do que se colheu e apreendeu em determinado contexto para outras situações vão variar conforme o leitor ou o usuário desse tipo de estudo.

3. Técnicas voltadas à pesquisa qualitativa

O pesquisador qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos. Para Prus (apud MOREIRA, 2002, p. 50-1), a tarefa de “dupla hermenêutica” justifica-se pelo fato de os investigadores lidarem com a interpretação de entidades que, por sua vez, interpretam o mundo que as rodeiam. O autor ainda nos elucida que os objetos de estudo das ciências humanas e sociais são as pessoas e suas atividades, considerando-os “não apenas agentes interpretativos de seus mundos, mas também



compartilham suas interpretações à medida que interagem com outros e refletem sobre suas experiências no curso de suas atividades cotidianas”.

Os pesquisadores que se dedicam às ciências naturais trabalham com objetos que não possuem uma capacidade de reflexão e interpretação. Diferentemente, os estudiosos sociais, por terem um objeto interativo por natureza, precisam de um apanhado teórico-metodológico que se ajuste às especificidades do seu objeto de investigação.

Como consequência da capacidade humana para interagir, são adotadas, pelos pesquisadores, algumas técnicas para coleta de dados, dentre as quais, destacamos: a Observação participante, a Entrevista e o Método da história de vida. Discorreremos sobre cada uma, apontando suas contribuições à pesquisa em educação.

3.1. A observação participante

Nessa técnica² de pesquisa qualitativa, os investigadores imergem no mundo dos sujeitos observados, tentando entender o comportamento real dos informantes, suas próprias situações e como constroem a realidade em que atuam.

Segundo Moreira (2002, p. 52), a observação participante é conceituada como sendo “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”. O autor explica que essa técnica foi impulsionada por um grupo de estudiosos da Escola de Chicago, que fizeram pesquisas de campo, estudando e observando grupos sociais da zona urbana, na década de 20. O interesse principal desses pesquisadores era interagir com os informantes, compartilhar suas rotinas, preocupações e experiências de vida, colocando-se no lugar dos sujeitos observados, tentando entendê-lo. Ainda segundo Moreira, o principal produto dessa observação participante é o que se conhece por relato etnográfico, entendido como “relatos detalhados do que acontece no dia-a-dia das vidas dos sujeitos e é derivado das notas de campo tomadas pelo pesquisador” (MOREIRA, 2002, p.52).

Lüdke e André (1986, p. 25) discutem o caráter científico da técnica de observação, uma vez que as observações de cada um são muito pessoais, sendo influenciadas por vários fatores, como: história de vida, bagagem cultural, grupo social a que pertence, aptidões e

² Lüdke e André (1986) não têm uma única terminologia para se referir a observação e a entrevista. As autoras usam não somente o termo método de coleta de dados, mas também usam a palavra técnica.



predileções. Esses fatores acabam influenciando nosso olhar, no sentido de privilegiarmos certos aspectos e não outros.

Uma justificativa dada, para que essa técnica seja válida enquanto instrumento científico de investigação, é o fato de ela ser controlada e sistemática, implicando “a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 25). Nesse estágio de preparo, o pesquisador deverá delimitar ‘o quê’ e ‘o como’ observar, definir o objeto e o foco da investigação, cabendo também a escolha do grau de envolvimento com a pesquisa.

Há uma tipologia sobre o papel que o pesquisador assume na hora da coleta dos seus dados. Essa tipologia é levantada por Gold (apud MOREIRA, 2002, p. 52-4), entendendo que o investigador, dependendo do seu envolvimento com a pesquisa, pode tornar-se: a) participante completo; b) participante como observador; c) observador como participante; e d) observador total ou completo.

a) O participante completo

No caso da participação completa, o estudioso, de forma alguma, identifica-se como pesquisador no ambiente observado. Dessa forma, o interesse científico é totalmente desconhecido pela comunidade analisada. Uma justificativa para essa atuação é o fato de a pesquisa poder ser totalmente negada pelo grupo em análise ou parcialmente dificultada. Com relação à ética, os estudiosos agem pela/para ciência, afirmando que a ciência tem o direito de conhecer como se comportam esses grupos, mesmo que não haja uma autorização para o estudo. O que o pesquisador busca, atuando nesse papel, “é tornar-se um membro do grupo para se aproximar o mais possível da ‘perspectiva dos participantes’” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 28).

Percebemos que nesse papel de participante completo, o pesquisador invade a intimidade dos indivíduos, disfarça suas intenções científicas, podendo causar danos aos sujeitos. Além disso, suas observações podem ser comprometidas pelo fato de o investigador ter que agir de uma forma que não seja percebida pelos demais. Isso pode fazer com que alguns questionamentos deixem de ser levantados, para não causar suspeitas.



b) Participante como observador

No papel de participante como observador, ao contrário do participante completo, o pesquisador teve o prévio consentimento por parte da comunidade a ser observada. Os sujeitos, neste caso, sabem do caráter científico do estudo, podendo haver acordos, algumas obrigações e promessas, discutidas antes do início da pesquisa. Segundo Moreira (2002, p. 53), “um bom acordo pode significar o sucesso ou fracasso da pesquisa. Se esta ficar sujeita a restrições de tempo, acesso ou amostra imposta pelos sujeitos ao início dos trabalhos, isto pode seriamente atrapalhar o estudo ou qualidade dos dados coletados”.

De acordo com Junker (apud LÜDKE E ANDRÉ, 1986), o pesquisador, apesar de falar sobre os objetivos da pesquisa, não revela seu total interesse, somente parte do que pretende. Esse posicionamento é tomado para que não haja alterações nos sujeitos estudados.

Após ser efetivada a negociação, o investigador terá acesso às atividades cotidianas dos sujeitos, sendo sua tarefa a de ganhar mais confiança do grupo e compreender como os informantes constroem os sentidos que são de importância para eles. Chegará um determinado tempo em que o pesquisador começará a escrever alguns resultados. E, dando-se por satisfeito ou impedido por questões de tempo, financeiras ou outras quaisquer, decidirá deixar o ambiente de pesquisa.

c) Observador como participante

No papel de observador como participante, o estudioso não interage muito com os sujeitos pesquisados. Não há a tentativa de estabelecer um contato mais ativo com os sujeitos, nem tampouco desenvolver um relacionamento confiável. O que poderá acontecer com essa técnica é a aplicação oral de um questionário (GOLD, apud MOREIRA, 2002).

Uma outra opinião sobre esse papel é a de Junker, apresentada pelas autoras Lüdke e André (1986), que vai explicar que o pesquisador terá acesso a uma série de dados, inclusive informações confidenciais, podendo solicitar que o grupo coopere. O que o investigador acatará é o controle das informações por parte do grupo que irá decidir o que será ou não publicado.



d) Observador total ou completo

Como o próprio nome diz, o papel de observador total ou completo é somente observar. O pesquisador não mantém nenhuma interação com os sujeitos. Ele poderá desenvolver suas atividades sem ser visto ou fazer suas observações na presença dos sujeitos, mas sem manter nenhum tipo de relação interpessoal.

Diante dessa apresentação das técnicas de observação para coleta de dados, cabe-nos fazer algumas considerações. Fica clara a impossibilidade de uso da participação completa em sala de aula, se pensássemos nas questões éticas que envolvem o processo de uma pesquisa científica. Seria praticamente inviável que um pesquisador, preocupado com questões do ambiente escolar, entre em contato com a sala de aula sem o conhecimento de alguém. Até porque, para que se possa entrar nesse ambiente de investigação, precisamos da autorização não somente da direção da escola, mas também, e principalmente, da professora da turma. Esse seria o posicionamento ético que um pesquisador deveria assumir. Todavia, Lüdke e André (1986) nos dão um exemplo possível do papel de participante completo em educação. É o caso de um estudioso querer investigar o sistema supletivo de educação no seu interior, podendo matricular-se como qualquer outro aluno para fazer suas avaliações. Mais uma vez, o problema da ética aparece, já que o pesquisador irá atuar em um papel que não o pertence.

O papel de participante como observador se adapta ao tipo de pesquisa que envolve o ambiente de sala de aula. O pesquisador, com essa técnica, terá o livre trânsito no local, podendo realizar suas observações, interagir com os sujeitos até chegar à análise dos dados, obtendo ou não as conclusões de sua pesquisa. Com relação ao papel de observador como participante, vemos que também essa técnica se aplica à sala de aula, dependendo da proposta da pesquisa. O observador pode somente colher os dados, sem maiores contatos com os sujeitos, caso seja um relatório de observação como, por exemplo, um trabalho que queira analisar o procedimento de ensino do professor em sala de aula. Esse exemplo também poderia ser estudado pelo pesquisador, assumindo um papel de observador completo.



3.2. A entrevista

Essa técnica de coleta de dados é um dos principais instrumentos usados nas pesquisas das ciências sociais, desempenhando papel importante nos estudos científicos. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), a grande vantagem dessa técnica em relação às outras “é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

De acordo com Moreira (2002, p. 54), a entrevista pode ser definida como “uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente”. As entrevistas são aplicadas para que o pesquisador obtenha informações que provavelmente os entrevistados têm. O autor vai buscar as contribuições de Richardson, Dohrenwend e Klein (1965) para classificar as entrevistas em: estruturadas, não estruturadas ou completamente abertas e semi-estruturadas.

As entrevistas estruturadas são aquelas que apresentam um conjunto de questões, em que o pesquisador administra a cada sujeito na mesma seqüência e usando as mesmas palavras. Para o investigador, esse questionário responde suas hipóteses, admitindo que o respondente tem condições necessárias para fornecer os dados que julga relevantes. O pesquisador ainda entende que os entrevistados compreenderão da mesma forma todas as perguntas levantadas.

As entrevistas não estruturadas ou completamente abertas são aquelas que apresentam um número de questões, mas não são específicas nem fechadas. Apresentam um guia para que o pesquisador e os entrevistados sigam, podendo também haver a possibilidade de adição de novas questões para que se possa compreender melhor determinado tópico. Há a suposição de que os informantes conhecem pouco sobre o assunto em pauta, cabendo ao investigador o papel de ouvir e entender.

Já as entrevistas semi-estruturadas ficam entre os extremos das outras já descritas. Há o momento das perguntas anteriormente determinadas, podendo ser as respostas relativamente livres. Caso haja a necessidade, o pesquisador pode acrescentar uma questão não prevista, dependendo das respostas dos respondentes.

Todos os tipos de entrevistas aqui elencados são possíveis numa pesquisa educacional. Provavelmente, a entrevista semi-estruturada dê uma maior possibilidade de entendimento das questões estudadas nesse ambiente, uma vez que permite não somente a realização de



perguntas que são necessárias à pesquisa e não podem ser deixadas de lado, mas também a relativização dessas perguntas, dando liberdade ao entrevistado e a possibilidade de surgir novos questionamentos não previstos pelo pesquisador, o que poderá ocasionar uma melhor compreensão do objeto em questão.

Para Lüdke e André (1986), a técnica de entrevista que mais se adapta aos estudos do ambiente educacional é a que apresenta um esquema mais livre, já que esse instrumento permite mais flexibilidade no momento de entrevistar os professores, os alunos, os pais, os diretores, os coordenadores, os orientadores. Já a técnica de entrevista mais fechada e estruturada estaria indicada em situações onde se quisessem obter informações sobre questões eleitorais ou sobre determinado produto de mercado, uma vez que a entrevista padronizada pode permitir agrupar, num pequeno espaço de tempo, a opinião de uma população numerosa.

3.3. A história de vida

Segundo as explicações de Moreira (2002, p. 55), a história de vida

busca a visão da pessoa acerca das suas experiências subjetivas de certas situações. Estas situações estão inseridas em algum período de tempo de interesse ou se referem a algum evento ou série de eventos que possam ter tido algum efeito sobre o respondente.

Os métodos para que o pesquisador possa coletar os dados podem ser, além da entrevista aberta: diário, cartas, relatos autobiográficos gravados em vídeo ou som. Podem ainda ser usados documentos como: processos judiciais, atas de reunião, discursos, artigos de revistas, dentre outros.

O objetivo do investigador, que usa a história de vida para coleta de dados, é registrar fielmente o que contam os sujeitos. Para isso, pode utilizar registros públicos ou registros pessoais, como os referidos.

Há uma divisão, feita por Denzin (apud MOREIRA, 2002), que separa a história de vida em três tipos: 1) a história de vida abrangente: toma a vida do sujeito investigado desde suas memórias mais antigas até o dia em que se escreve o documento; 2) a história de vida tópica: interessa-se por um segmento da vida do sujeito; e 3) a história de vida editada: pode



ser tanto abrangente como tópica, caracterizando-se pelo fato de o pesquisador tentar dar explicações de caráter sociológico, fazer comentários ou questionar o material coletado.

Seguindo os comentários realizados por Moreira (2002) sobre a história de vida como metodologia de pesquisa, percebemos que há uma certa rejeição por parte de alguns críticos. Eles alegam a deficiência dessa técnica com relação à validade externa dos dados. Para eles, não há a possibilidade de se fazer generalizações em relação a uma população maior partindo da análise de um indivíduo, um caso ou uma série de casos. Esses críticos ainda afirmam que a história de vida é inconclusiva, permitindo apenas parcialmente a compreensão do comportamento humano. Triviños (1987) também segue essa mesma opinião. Para esse autor, a história de vida poderá acarretar uma visão incompleta ou falsa, quando utilizada como única técnica para coleta de dados.

4. Características da pesquisa qualitativa

Finalizando seu capítulo sobre a natureza da pesquisa qualitativa, Moreira (2002) aborda as características básicas dessa metodologia, apresentando um sumário com seis itens, não pretendendo esgotá-las. Para ele, a pesquisa qualitativa inclui: 1) A interpretação como foco. Nesse sentido, há um interesse em interpretar a situação em estudo sob o olhar dos próprios participantes; 2) A subjetividade é enfatizada. Assim, o foco de interesse é a perspectiva dos informantes; 3) A flexibilidade na conduta do estudo. Não há uma definição a priori das situações; 4) O interesse é no processo e não no resultado. Segue-se uma orientação que objetiva entender a situação em análise; 5) O contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência; e 6) O reconhecimento de que há uma influência da pesquisa sobre a situação, admitindo-se que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa.

Triviños (1987, p. 128-30), quando trata desse tema, apresenta as contribuições de Bogdan que indica as seguintes características para a pesquisa qualitativa, semelhantes às apresentadas por Moreira (op. cit.); ambas se complementam:

1ª) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.



- 2ª) A pesquisa qualitativa é descritiva.
- 3ª) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.
- 4ª) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente.
- 5ª) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Todas essas peculiaridades elencadas da pesquisa qualitativa são possíveis de serem percebidas num estudo qualitativo que contemple o ambiente escolar. A aplicabilidade dos seis pontos apresentados por Moreira (op.cit.) e das cinco características, segundo Bogdan (apud TRIVIÑOS, 1987), ampliam as possibilidades de melhor entender a situação desse ambiente, provendo meios mais eficazes para o pesquisador trabalhar e poder elaborar seus relatórios, chegando às conclusões ou (in)conclusões da pesquisa.

Considerações finais

O texto apresentado preocupou-se em fazer um levantamento teórico-metodológico sobre a abordagem de pesquisa qualitativa, que se debruça no estudo do fenômeno em seu ambiente natural, analisando o problema processualmente. O que interessa ao pesquisador qualitativo é o contato direto e constante com o cotidiano dos sujeitos investigados, isso porque eles sofrem influências do contexto, o que pode acarretar mudanças durante o processo de coleta de dados.

Os investigadores que tomam o ambiente de educação como objeto de pesquisa, entendendo que nesse lugar o processo das relações humanas é dinâmico, interativo e interpretativo, devem construir seu arcabouço metodológico alicerçado pelas técnicas qualitativas. Dessa forma, essa escolha teórica fica justificada quando pensamos nos “agentes interpretativos”, de Prus (apud MOREIRA, 2002), ou seja, as pessoas interpretam seu mundo, compartilhando o seu modo de ver com outros que, por sua vez, também interpretam.

Para as autoras Lüdke e André (1986), o que vai determinar a escolha da metodologia é a natureza do problema. Para que a realidade complexa, que caracteriza a escola, seja estudada com rigor científico necessitará dos subsídios encontrados na vertente qualitativa de pesquisa. Isso pelo fato de haver uma atenção com o preparo do planejamento, com o controle



da pesquisa, com a escolha do objeto, dentre outras características anteriormente apresentadas.

As contribuições desse tipo de investigação estão presentes na sua capacidade de compreensão dos fenômenos relacionados à escola, uma vez que retrata toda a riqueza do dia-a-dia escolar. Assim, os estudos qualitativos são importantes por proporcionar a real relação entre teoria e prática, oferecendo ferramentas eficazes para a interpretação das questões educacionais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.